

UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA MAÇONARIA E DA IGREJA ANGLICANA NO MOVIMENTO PRÓ-LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA, EM PELOTAS/RS

Dnda. Berenice Guedes

bereniceguedes@ibest.com.br

Prof. Dr. Elomar Tambara

tambara@ufpel.tche.br

PPGE da FaE/UFPEL e CEIHE/UFPEL

RESUMO

Este recorte de minha tese: “Maçonaria, Igreja Anglicana e Educação”, apresenta ligações entre a Maçonaria e Igreja Anglicana, evidenciadas no Movimento Pró-Liberdade de Consciência, que foi criado em 1925 pela Maçonaria, e, em Pelotas/RS, foi liderado pelo Reverendo Anglicano José Severo da Silva, sendo um meio de a Maçonaria e a Igreja Anglicana evidenciarem um Anticlericalismo acentuado após o Ultramontanismo, possibilitando a criação de Escolas não-católicas. As fontes são retiradas de documentos da Maçonaria e da Igreja Anglicana. A investigação tem um cunho quanti-qualitativo e o resultado final se dará pela análise do discurso.

Palavras-Chave: Maçonaria – Igreja Anglicana – Comitê Pró-Liberdade de Consciência.

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar há necessidade de conceituar MAÇONARIA: a Maçonaria é uma Instituição Filosófica e Filantrópica, de caráter secreto (pois só podem assistir suas reuniões os que fazem parte de seus quadros) ou discreto como assim a definem alguns, por considerá-la “não secreta”, uma vez que o mundo todo sabe de sua existência, mas também porque seus rituais não são abertos a todos, nem os maçons assim se proclamam abertamente.

Falar em “Maçonaria” significa adentrar em um universo tido como “hermético”, “místico”, “desconhecido”, “obsuro”, “misterioso” e envolto em lendas. Para a maioria dos não-maçons ou “profanos” como são denominados aqueles que não pertencem à “Irmandade” ou “Ordem”, é penetrar em um tema envolto por “pré-conceitos”, uma vez que a grande maioria de seus ensinamentos e práticas é transmitida pela oralidade, e sob juramento de segredo aos que pertencem a seus quadros.

Ser maçom – para os maçons é ser sobretudo, “um construtor”. E na construção pessoal são necessárias luz e fraternidade. A Maçonaria, segundo seus membros, se baseia nos princípios encontrados no Livro da Lei – a Bíblia e algumas lições que forneçam uma maior compreensão do significado profundo a respeito da FRATERNIDADE. Pode-se dizer que a Maçonaria é “um grupo religioso” porque crê em Deus, faz preces, lê porções da Bíblia Sagrada (“Livro da Lei”), mas não se constitui em “uma religião”, o que é bem diferente. Assim sendo, a Maçonaria é envolta por um clima de espiritualidade, sem constituir-se numa religião. A Maçonaria afirma que a espiritualidade deve ser vivenciada desde os primeiros anos de vida. Por esta razão, assim como a Igreja Anglicana possui a Escola Dominical, para orientação espiritual de crianças e jovens – como acontece nas outras Igrejas Históricas Reformadas ou que sofreram influências da Reforma do século XVI – na Ordem Maçônica há as “Filhas de Jó” (grupos de ensinamento e prática da fraternidade e da espiritualidade para meninas e moças até 21 anos) e a “Ordem De Molay” (para meninos e rapazes, até os 21 anos, com a mesma finalidade). Aqui se percebe a ênfase dada pela Maçonaria à necessidade do ensino e da vivência da espiritualidade entre crianças e jovens, que, ao adentrarem nas escolas religiosas ou laicas – precisam dar testemunho de sua espiritualidade, pois os jovens que participam destes ensinamentos estão inseridos nas escolas regulares e no “mundo profano”. A Maçonaria é exaltada por seus membros e simpatizantes e execrada por outros que, por desconhecimento ou preconceito, atribuem-lhe práticas “não-ortodoxas” - o trabalho dos maçons tem sido relevante, principalmente no que tange à educação, à filantropia, à busca da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” entre todas as pessoas, à procura constante do conhecimento e dos saberes, à luta contra a ignorância e superstição.

PARA ENTENDER AS RELAÇÕES IGREJA CATÓLICA X MAÇONARIA

As relações entre a Maçonaria e a Igreja Católica Romana sempre foram tumultuadas. Entretanto, na Idade Média, no período da Maçonaria Operativa, quando esta se efetivava nas Corporações de Ofício, eram os maçons os conhecedores dos segredos da Arquitetura – e foram os responsáveis pela construção das grandes catedrais em vários estilos, culminando com o estilo gótico – neste período havia acolhimento por parte da Igreja Católica à Maçonaria, pois esta era composta pelos construtores que detinham o conhecimento e, por isto, necessária à Igreja. Uma das características da Maçonaria foi sempre a aquisição de conhecimentos, entendidos como saberes lógico-matemáticos e propedêuticos, tendo em vista que suas reuniões se caracterizavam por um espírito filosófico e pela ênfase e invocação a um Princípio Criador de todas as coisas, sendo monoteísta, e tendo grande preocupação com a moral de seus adeptos. A Maçonaria encetava a construção de obras arquitetônicas de grande porte, havendo assim a necessidade de possuir muitos trabalhadores, advindos de vários lugares; fixavam sua residência junto ao canteiro de obras, formando uma Confraria hierarquizada, que se compunha de três Ordens: Aprendiz, Companheiro e Mestre, conforme os saberes que adquiriam. Estavam assim agrupados, desde os que extraíam os blocos de pedra das rochas, aos “que assentavam e ajustavam as pedras, os fundidores, carpinteiros, ferreiros, decoradores e artesãos (...) todos eles dirigidos por mestres construtores” (GOMES, 2004, p. 51). A arquitetura gótica era a mais difícil, pois incluía um profundo conhecimento de matemática, arquitetura, engenharia, escultura, técnicas de pintura, projetos e projeções que desafiavam a lei da gravidade, com ferramentas rudimentares (que até hoje integram os símbolos maçônicos, como esquadro, compasso, prumo, trolha, etc.) embora, para outros autores, seu surgimento tenha vindo de épocas remotas e a origem de seus conhecimentos perca-se no tempo.

Os trabalhos de construção eram ainda, segundo Gomes (2004), impregnados de caráter religioso, pois consta em seus arquivos uma oração que era proferida por todos os trabalhadores / iniciados no começo dos trabalhos diários:

Pelo poder do Pai dos Céus e da sabedoria de seu Glorioso Filho, através da graça e da bondade do Espírito Santo, três pessoas um só Deus. E juntos damos Graças aqueles que nos governam aqui nesta vida, para que possamos chegar à Beatitude que nunca terá fim. Amém (GOMES, 2004, p. 54).

As grandes obras arquitetônicas deste período ou eram propriedade da Igreja ou da nobreza, que à Igreja se submetia. Em 1864, o Papa Pio IX condenou os católicos à excomunhão caso se tornassem maçons. Este tema é muito bem explicitado por TAMBARA (Ver: TAMBARA, 1991). A divergência entre a Igreja Católica Romana e a Maçonaria tem origem em questões históricas de fundo econômico e relacionadas com o poder temporal. A História reporta que a Maçonaria, no passado, possuiu em seus quadros, grande número de padres e pertencentes a Ordens Religiosas. O convívio destes com pessoas de outros credos religiosos e formas de pensamento, dentro das Lojas Maçônicas, representava uma forte de influência sobre o pensamento e comportamento destes religiosos, que deviam obediência a seus Superiores sem contestação; mas o estar dentro da Maçonaria possibilitava a eles outras formas de ver o mundo, a ciência e a religião, o que, necessariamente, contrariava os interesses da Igreja Católica de então.

Quando, em 1870, o Papa Júlio II, proclamou o Dogma da Infalibilidade Papal, a Maçonaria não aceitou este dogma. Para evitar que esta desobediência viesse a influenciar ou prejudicar os interesses da Igreja, a partir do Papa Pio IX, alguns representantes da Igreja Católica quiseram dar um basta na intromissão dos maçons nas irmandades religiosas e na influência que ela exercia sobre os próprios padres – e através deles, na sociedade, – e passaram a ter uma atitude ostensiva de distanciamento, e, em alguns casos, até mesmo de perseguição, uma vez que essas pessoas eram pessoas “excomungadas”. A reação veio logo, e o anti-maçonismo trouxe o anti-clericalismo direcionado à Igreja Católica Romana, levando ambas as Instituições a se tornarem antagônicas e a cometer exageros, em nome da busca da verdade.

Com a modificação canônica resultante do Concílio Vaticano II, que retirou a excomunhão dos maçons, deixou de existir impedimento legal a que católicos viessem a se tornar integrantes da maçonaria. (KLOPPENBURG, 1987). No entanto, esta continuava sendo mal-vista pela Igreja. A posição mais recente do Vaticano, a partir de conclusão da Conferência dos Bispos da Alemanha (05 de julho de 1970, citado por BENIMELLI, CAPRILE e ALBERTON, p.311 a 313, 1983 - embora estes autores fossem favoráveis a, pelo menos, um diálogo com a Maçonaria), entendeu

que a fé cristã e a Maçonaria são inconciliáveis e por isso, os católicos, embora não proibidos, não deveriam ingressar na Ordem.

Vários são os maçons que se manifestam publicamente acerca da Igreja e das relações desta com a Maçonaria. Para ilustrar transcrevo abaixo parte de um texto de autoria de Renato Brenner M.¹. I.¹. Loja Atlântica N° 15, publicada no Jornal "O Templário", em abril de 1998:

A CNBB há alguns anos vem realizando com a presença de bispos e sacerdotes, bem como um grupo de maçons convidados, estudo cujo assunto principal era saber se a doutrina católica, era ou é compatível com a doutrina maçônica". Após inúmeras discussões, (...) os maçons não conseguiram obter nenhuma declaração favorável à maçonaria. Sempre esbarraram nos cânones do Vaticano, em vigor até hoje. Na última reunião, realizada no dia 13/10/1997, o tema conciliabilidade entre maçonaria e igreja católica foi abandonado. (...) Concordamos com o Padre Jesus Hortal: "Maçonaria e Igreja Católica são simplesmente inconciliáveis, com uma inconciliabilidade (sic) que não depende de conjunturas históricas, nem de ações particulares, mas que é intrínseca à própria natureza de ambas as instituições.

A IGREJA ANGLICANA E A MAÇONARIA

Não houve divergência entre a Igreja da Inglaterra e a Maçonaria, pois a Igreja aceitou e acolheu a Maçonaria; "ser maçom" fazia parte dos hábitos dos Anglicanos, tanto que, apenas o último Arcebispo de Cantuária, não é maçom. Este é um forte indício do por que do pertencimento dos clérigos anglicanos e seus fiéis aos quadros da Maçonaria, e explica o porquê de estes se debaterem tanto a favor da Educação laica, mas não atea: houve a conjugação de interesses por uma educação onde houvesse a possibilidade de existir efetivamente a "liberdade de consciência e pensamento" e que não obrigasse os jovens a seguir a religião católica, sem, entretanto, descurar a fé em Deus e a possibilidade de encontrá-Lo por outros caminhos e em outras denominações religiosas, e que estas pudessem ter o mesmo espaço que a Igreja Católica possuía em relação à Educação.

A Igreja Anglicana foi o berço da Maçonaria Especulativa. O início da Maçonaria Moderna ou Especulativa deu-se a 24 de junho de 1717, na Igreja Anglicana de São Paulo Apóstolo, em Londres.

A Grande Loja da Inglaterra (Loja Mãe da Maçonaria Especulativa ou Moderna) foi organizada dentro das dependências de uma Igreja Anglicana / Episcopal, e congregou as Lojas Maçônicas herdeiras das antigas Corporações de Ofício, unindo-as e modernizando seus quadros, incluindo neles pessoas cultas - e

não apenas aqueles “que talhavam a pedra” – como inicialmente o foi. Isto possibilitou o crescimento do Pensamento Liberal e fomentou a busca pelas Ciências, tão inoportuna para a Igreja de Roma de então, pois contrariava ou poderia vir a contrariar seus dogmas e Ordenações Papais, questionando assim seu poder, considerado então, “infalível”.

Durante todo o tempo da Cristianização da Inglaterra, no século IV, por Santo Agostinho, monge católico, enviado pelo Papa para cristianizar as Ilhas Britânicas e que se tornou o primeiro Arcebispo de Cantuária, a Igreja da Inglaterra manteve relações estremecidas com a Igreja de Roma, ora estando em suas fileiras e ora separando-se dela, tanto que, em no primeiro Artigo da Magna Carta, 1215, consta: “... ecclesia Anglicana liberat sit”, isto é, “que a Igreja da Inglaterra seja livre” - livre da autoridade do Bispo de Roma, tornando visível o espírito liberal e anti-subserviente dos cristãos ingleses. (Ver Magna Carta, Artigo 1º, 1215).

Boa parte de clero Anglicano é maçom, sendo quase todos os Arcebispos de Cantuária (dirigentes máximos da Comunhão Anglicana, cuja sede fica em Londres) integrantes da Maçonaria.; vale ainda destacar que, dois dos Bispos Primazes da Igreja Episcopal Anglicana no Brasil, foram maçons, iniciados um na Loja Antunes Ribas, e o outro na Loja Luz Transatlântica, ambas do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, quando párocos, respectivamente, nas cidades de Jaguarão e Pelotas: Bispo Dom Athalício Pithan, que, não só foi Venerável por mais de uma vez na Loja Sigilo nº. 14 em Bagé, como Grão-Mestre da Maçonaria, tendo sido responsável pela criação desta Loja, em Bagé, dentro do Salão da Igreja Matriz do Crucificado (da Igreja Episcopal do Brasil / Anglicana) na metade do século XX e Bispo Dom Arthur Rodolpho Kratz, na segunda metade do século XX.

Algumas das razões que levaram “algumas” das Igrejas cristãs a fazer oposição à Maçonaria é que a consideraram com “grande influência Espírita Kardecista”, uma vez que Alan Kardec era maçom. Na realidade, a Maçonaria aceita em seus quadros homens de todas as denominações religiosas, sendo somente obrigatória à crença em um único Deus. De um modo geral, a luta contra a superstição, a preocupação com a educação mista e para todos os segmentos sociais, a prática da caridade, a liberdade de pensamento e de consciência, entre tantas outras práticas maçônicas, são perfeitamente conciliáveis com a doutrina espírita; mas também o são com a Teologia da Igreja Anglicana, que é uma Igreja

tolerante e inclusiva; talvez por isto e por suas origens interligadas com a Maçonaria Especulativa, encontram-se tantos maçons entre os membros da Comunhão Anglicana. Possivelmente, pela inclusividade do ETHOS Anglicano (o “jeito de ser inclusivo” da Igreja Anglicana, considerada uma “Via Média” entre o Catolicismo Romano e as Igrejas Reformadas) há uma aceitação não-preconceituosa do Espiritismo Kardecista e da doutrina de outras denominações religiosas como igrejas co-irmãs, havendo, inclusive, entre muitas delas uma prática de inter-comunhão.

O que se sobrepõe a tudo isto é que o membro de uma Associação Maçônica seja um “homem livre e de bons costumes”, cujo maior objetivo seja seu aperfeiçoamento moral, espiritual e intelectual, procurando a “verdade” através da fraternidade e combatendo a ignorância e a superstição, o que justificaria de per si a preocupação da Maçonaria com a instrução na primeira metade do século XX e com as concepções epistemológicas da educação que permearam a segunda metade do século XX. É marcante a busca pela Liberdade de Pensamento, mas esta se daria dentro de um ideal de escola onde os alunos pudessem realmente exercer esta liberdade; entretanto, para a consecução de tal ideal, conflitos e perseguições surgiram de ambas as partes.

O ANTICLERICALISMO CATÓLICO ROMANO NA CIDADE DE PELOTAS /RS E O MOVIMENTO PRÓ-LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

A Igreja Católica foi sempre enfática quanto à questão da educação: segundo TAMBARA (1991) desde o tempo do Papa Pio XI cabia à Igreja Católica emitir diretrizes e normas de conduta e nenhum local se fazia mais propício para isto quanto o espaço escolar. A Igreja Católica exercia diretrizes coercitivas quanto à Educação que se dava dentro dos moldes pré-estabelecidos pela Igreja.

Os filhos de Católicos deveriam frequentar escolas católicas e não as leigas e, muito menos outras que tivessem qualquer resquício de alguma outra denominação religiosa. O tipo predominante de concepção do sistema ideológico hegemônico no Rio Grande do Sul, segundo TAMBARA (1991 p. 500 a 502) “eram as concepções do educador jesuíta”. (...) “Estado e Igreja comungam de uma mesma origem e destinam-se a cumprir um papel na ordem social estabelecida”, ou seja, o Estado deveria ser cristão e cristão Católico-Romano. E é TAMBARA (1991 p. 508) que informa: “... de 1890 a 1935 instalaram-se do Estado 44 congregações

religiosas apresentando a média de uma por ano. Somente este dado avaliza a preocupação da Igreja com a educação”. Na década de 1930 o anti-clericalismo se encontrava ferrenho no Brasil e também assim o era no Rio Grande do Sul. Entretanto, aqui já se haviam estabelecido outras denominações religiosas e as Ordens Maçônicas de igual modo, sendo fortes e atuantes na sociedade rio-grandense.

Em 05 de novembro de 1922, em um arrabalde de Pelotas, chamado Guabiroba, foi criada a Escola Dominical da Igreja Anglicana na casa de Cândido Teixeira de Moraes, pelo Reverendo Severo. Esta escola foi alvo de críticas e ameaças por parte dos padres jesuítas. Mas não cerrou suas portas. (Documentos da Igreja Anglicana, 1922).

Assim como a Igreja Católica Romana atribuía a si o compromisso com a educação, como uma forma de expor e impor sua fé, o mesmo o fizeram outras denominações religiosas, apoiados pelas Lojas Maçônicas, sem possuírem, entretanto, segundo eles, a mesma postura de um proselitismo autoritário e condenatório, segundo dados de entrevistas já realizadas em um primeiro momento deste trabalho. Caso o tenham realizado, verifica-se aqui um paradoxo (e que se procurará desvendar na pesquisa em andamento).

Em 1925, segundo KICKHOFEL (1999) surgiu no Brasil um movimento que pretendia incluir na Constituição Federal artigos de claro favorecimento à Igreja Católica Romana, restringindo a liberdade de culto a outras denominações religiosas, bem como as afastando do âmbito educacional. O Projeto de votação iria para a Câmara e o Senado, tornando obrigatório o Ensino Religioso de orientação Católica Romana nas Escolas Públicas, o que não fora contemplado pela Constituição de 1924. Os católicos mobilizaram-se para que o Catolicismo fosse reconhecido como a Religião Oficial do Brasil, tendo como seu porta-voz e responsável pela Emenda Constitucional, o deputado Plínio Marques.

O Reverendo Anglicano e Mestre Maçom, José Severo da Silva, na cidade de Pelotas / RS, resolveu liderar o Movimento que assegurava a liberdade de Culto e de Pensamento a todas as denominações religiosas, bem como o direito dos filhos de não-católicos a não ser obrigados a assistirem as Missas Dominicais. Severo liderou, então, o Movimento Pró-Liberdade de Consciência e Pró-Educação Laica (mas não atéia!). O Movimento criado pela Maçonaria desejava, de acordo com seus

princípios, permitir a liberdade de culto a todas as denominações religiosas e a criação, fundação e manutenção de Escolas Paroquiais, conforme a orientação cristã de cada denominação em suas comunidades. A Maçonaria engajou-se toda neste Movimento e contou com o apoio incontestado da Igreja Anglicana, pois Severo era não só um grande líder Anglicano, como um destacado Maçom. Enviou um telegrama ao Presidente da República, ao Governador do Estado, ao Presidente da Câmara dos Deputados, ao Ministro da Instrução e a todos os Deputados e Senadores do Rio Grande do Sul, bem como às lideranças maçônicas envolvidas em postos-chaves da política de então no Brasil, posicionando-se contra a medida que considerava ilegítima e que não se poderia configurar como legal. O documento foi assinado pelo Reverendo Severo, Pároco e Reitor da Catedral do Redentor em Pelotas a ativo maçom, e ainda por Lina Eifler Todt, Presidente da Sociedade de Senhoras da Igreja Anglicana; por Arquimínio Peres, Presidente da Milícia Cristã. (Documentos da Igreja Anglicana, s/d).

No dia 18 de setembro de 1925, fundado o Comitê Permanente Pró-Liberdade de Consciência, a Maçonaria e Severo promoveram várias conferências defendendo a Liberdade de Culto.

“O Comitê representava 18 associações civis e religiosas e organizou um abaixo assinado com 10.536 assinaturas” (KICKHOFEL, 1999, p. 94) que foi encaminhado à Câmara dos Deputados repudiando as emendas constitucionais 9 e 10 que pretendiam reconhecer a Igreja Católica Romana como a religião oficial no país e o ensino religioso facultativo nas escolas públicas. As emendas não foram aprovadas por falta da maioria de dois terços. Segundo KICKHOFEL (1999, p. 95) a participação do Reverendo Severo foi decisiva, dada à sua liderança carismática e sua ampla defesa ao pensamento liberal e à liberdade de consciência. O Comitê foi dissolvido um mês depois. Após seis anos o Comitê foi reativado, porque o Presidente Getúlio Vargas possuía uma visão positivista e havia autorizado o ensino religioso facultativo nas escolas públicas pelo Decreto nº. 19.941, de 30 de abril de 1931.

Esta medida de Getúlio teve como resultado protestos de um grande grupo de evangélicos. Borges de Medeiros, representando o governo estadual, orientou os professores a não discutirem assuntos de religião dentro das escolas e que se limitassem a ensinar uma moral que os preparasse para a prática das virtudes. A

escola pública permitia que o ensino religioso, quando solicitado pelos pais, o fosse ministrado, mas fora dos estabelecimentos públicos, pois a Constituição Federal e Estadual vetava o ensino de religião em suas escolas: o ensino primário deveria ser leigo, livre e gratuito.

Segundo KICKHOFEL (2000) Severo, na casa de Pedro Vaz Portugal (Rua Sete de Setembro, nº. 132) abre uma nova Escola Dominical que recebeu o nome de Estrela do Oriente (linguagem tipicamente maçônica) sendo o diretor o próprio dono da casa e professoras, sua esposa Maria, Cecília Leite e Joana Vergara dos Santos; a escola instruía, informava e pregava a Palavra de Deus segundo a Teologia Anglicana. Na Igreja do Redentor, Severo criou uma classe de Missionários Leigos, para que se preparassem para ensinar religião e se tornassem Pregadores, embora não-ordenados, isto é, sem possuir as Ordens Sacras. (Documentos da Igreja Anglicana, 1931)

Em 1936, Severo cria um Orfanato Evangélico na cidade de Pelotas, sendo a primeira Instituição de caridade criada pela Igreja Episcopal. Começou com 06 meninas, sob a direção de Doralina Barros de Lima e, a partir de 1938 começou a funcionar em suas dependências uma escola primária, preparando as meninas nas primeiras letras e nos ensinamentos cristãos (hoje, 2008, continua existindo como “Casa de Convivência Reverendo Severo da Silva”).

A IGREJA ANGLICANA E A PREOCUPAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Para a Igreja Episcopal, “a obra educacional era uma tarefa permanente e o objetivo primordial era a formação do caráter (grifo meu). O papel do lar e o papel da Igreja se completavam. A personalidade humana se forjava na atmosfera moral que a envolvia” (KICKHOFEL). 2000. O bispo Kinsolving (americano), que dirigiu a Igreja entre 1899 e 1926, estava convencido de que esta tinha obrigação especial com a educação: as escolas públicas eram ineficientes; havia falta de professores preparados, pouca “disciplina intelectual” como cita KICKHOFEL (2000 p. 12). Na área religiosa se utilizou principalmente da Escola Dominical e na área secular se utilizou das Escolas Paroquiais ou institucionais. Havia razões para isso: educar os filhos dos membros da igreja; preparar os jovens para o trabalho da igreja: os meninos para o ministério ordenado e as meninas para o ensino (esse era o principal motivo porque a igreja queria escolas e professores próprios, para preparar

a futura liderança da igreja;) preocupação pela tarefa da evangelização. A igreja estava convencida de que tinha algo a mais a dar do que simplesmente cultura. A relação que a igreja estabelecia com um grande número de jovens por meio da escola era uma excelente oportunidade para evangelizar a sociedade; formar pessoas capazes para vivenciar o espírito Cristão em sua vida profissional. O plano era fundar escolas diárias nos grandes centros urbanos, como Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria e Bagé. Assim, os objetivos da igreja no campo educacional incluíam três importantes imperativos: o profissional, o pastoral e o missionário. (KICKHOFEL 2000 Op cit).

A importância que a igreja atribuía à educação tinha também caráter político, ou seja, o exercício da cidadania para a plena consecução da democracia na vida nacional. “Povo analfabeto é povo passivo que só terá governos despóticos, quer pela força armada, quer pelo desprezo à soberania nacional” (Estandarte Cristão, 15 de fevereiro de 1912, p.1).

Por outro lado, as escolas públicas eram ineficientes e os filhos de pais evangélicos eram perseguidos nas escolas da Igreja Católica Romana e, como igreja militante, não podia desprezar a instrumentalidade deste mundo. O papel da igreja não era retirar o homem do mundo, “mas livrá-lo do mal”. Baseada nesse conceito, a Igreja Anglicana acreditava que o papel da igreja não era propagar o evangelho exclusivamente por meio de escolas seculares, mas por meio delas era possível preservar a juventude do ateísmo e do materialismo. Era uma posição mais defensiva do que ofensiva. O objetivo era a criação de escolas Secundárias, porque eram os adolescentes que deixavam os lares para se matricularem em internatos e as crianças tinham o lar e a escola dominical.

Se dizemos que o povo vai mal, que seu estado moral é precário, apontam o analfabetismo como o único pode expiatório. Mas quando fazemos ver que a corrupção anda lá por cima, nas altas esferas políticas, então não podem mais nos retrucar”. Assim, a ênfase da educação estava na cultura moral voltada para uma vida espiritual e social. O objetivo da escola paroquial não era só transmitir conhecimentos, mas também formar caracteres (sic) capazes de sustentar uma pátria livre, democrática e religiosa (KICKHOFEL. 2000 p. 14).

A vontade de construir colégios e escolas paroquiais estava relacionada com o sucesso que o modelo educacional evangélico vinha alcançando no Brasil, “alarmando os jesuítas com o crescimento e a eficiência das escolas evangélicas”. (KICKHOFEL 2000 p 14). Os padres publicavam matérias pagas nos jornais,

intimando os pais a retirarem os seus filhos das escolas da Igreja Anglicana, pois as crianças deveriam permanecer em escolas católico-romanas. Reproduziam essas matérias em folhetos, que eram fartamente distribuídos em todo o Estado. Mas o povo começou a gostar das escolas evangélicas, porque ali o ensino era ministrado completamente separado da religião e “o aluno não ganhava pontos porque freqüentava os cultos ou a escola dominical” (KICKHOFEL 2000 op. cit.).

PALAVRAS FINAIS

Como palavras finais, a priori, pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que o Comitê Pró-Liberdade de Consciência foi um forte movimento anticlericalista, liderado pela Maçonaria e apoiado pela Igreja Anglicana e outras denominações religiosas, direcionado contra a Igreja Católica Romana, que mantinha sua ideologia, doutrina e dogmas de forma hegemônica na Educação do Rio Grande do Sul. Este Comitê também foi usado para permitir que outras denominações religiosas que não a Igreja Católica pudessem obter espaços junto à Educação para suas pregações. Infere-se ainda a estreita ligação entre a Igreja Anglicana e a Maçonaria, por suas origens e práticas/preocupações em relação à Educação e ao Ensino. O Ethos Anglicano é inclusivo, baseando-se nos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, comuns também à Maçonaria Especulativa; a preocupação com a educação mista, de crianças, jovens e adultos é uma prática comum, tanto à Maçonaria como à Igreja Anglicana. Entretanto, percebe-se como paradoxo a “inclusividade” e a “busca da verdade e a liberdade de consciência” uma vez que se formaram duas facções que chegaram mesmo a se digladiar pela imprensa para a consecução de seus fins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AMARAL, Giana Lange do. *Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: Uma face da História da Educação em Pelotas*, Pelotas: Seiva, 2005.

BENIMELLI, J.A.F. CAPRILLE, G. ALBERNON, V. *Maçonaria e Igreja Católica*. São Paulo, ASLAN, Nicholas. *História Geral da Maçonaria*. Rio de Janeiro: Aurora, s/d.

BRENNER, Renato, - M. ' . I. ' . Loja Atlântica N 15, publicada no Jornal Mensal "O Templário" (de circulação interna e restrita à Maçonaria) Editora Maçônica, Porto Alegre: abr/1998.

ESTANDARTE CRISTÃO, 15 de fevereiro de 1912; e 20 de maio de 1925, Rio Grande: Imprensa Episcopal, 1912.

GOMES, Valdir. Igreja Católica e Maçonaria: Verdadeiras razões da divergência. Porto Alegre: Literatis, 2004.

KICHHOFEL, Oswaldo. Catedral do Redentor. Santa Maria: Pallotti. 1999.

_____. Oswaldo. Notas para uma História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Porto Alegre: Metrópole, 1995.

_____. Notas para uma História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Porto Alegre: Polígrafo, 1999.

KLOPPENBURG, Boaventura. Igreja e Maçonaria: conciliação possível? 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. (org.) Compêndio Vaticano II. Petrópolis: Vozes. 1987.

TAMBARA, Elomar. Tese de Doutorado: A Educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo. Porto alegre: UFRGS. 1991.

TEMPLARIO. Periódico Maçônico. Abril de 1998.